

AMANTES CORPORATIVOS¹

Mídia, ciência e a utopia da ligação perfeita

Ericson Saint Clair²

Resumo: Investigamos criticamente os modelos de sociabilidade disseminados na mídia informativa de caráter científico. Para isso, analisamos casos de reportagens cujo tema é a redução das relações amorosas unicamente a seu substrato biológico. Tais matérias destacam-se como interessantes sintomas da somatização da subjetividade contemporânea em uma sociedade de riscos. Primeiramente, ressaltamos o papel da mídia neste dispositivo, para então abordar as implicações políticas disto que chamamos de “a utopia da ligação humana perfeita” encontrada em nossos exemplos. Finalmente, expomos, como contraponto, a recente perspectiva do filósofo Alain Badiou, para quem o pensamento do amor é uma tarefa filosófica a ser privilegiada em nossos tempos de feroz individualismo.

Palavras-Chave: Subjetividade contemporânea 1. Jornalismo científico 2. Cultura somática 3.

“Ninguém pode prever o que será a partir daquilo que é”

Antígona

1. Amor, hormônios e ratos-calunga

Em sua original proposta de crítica dos “valores morais” exposta nas três dissertações de Genealogia da Moral, Nietzsche nos apresenta a historicização dos valores como método por excelência para a desnaturalização de sentimentos tão corriqueiros quanto a compaixão, a culpa e o ressentimento. Seria preciso, segundo ele, um conhecimento das condições “nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram” (2001, p. 12) tais valores. O apoio na história no projeto nietzscheano não se dá por mera erudição, mas como construção do caminho pelo qual se revelam as estratégias que tornaram algo “imutável”, verdadeiro enfim.

O amor certamente é um desses sentimentos que, sob muitos aspectos, constroi-se historicamente, sendo a análise cuidada de suas formas históricas parte importante de uma

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade”, do XIX Encontro da Compós, na PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

² Doutorando ECO-UFRJ, bolsista CNPq, sob orientação da Profa Dra. Ieda Tucherman. E-mail: ericsonsaintclair@gmail.com

genealogia do humano e de sua sociabilidade³. Se, por exemplo, pensarmos como o amor é apresentado na mídia informativa contemporânea, encontramos boas pistas acerca do modo como a produção de vínculos sociais é valorada em nosso tempo. Neste trabalho, propomos investigar a relação mídia-ciência a partir do tipo de sociabilidade amorosa disseminada em matérias de caráter científico. Nosso plano é, inicial e rapidamente, tecer um panorama geral do contexto da sociabilidade atual segundo a temática da sociedade do risco e da cultura somática, reforçando o papel da mídia no dispositivo contemporâneo. Em seguida, tratamos da questão da formação de vínculos afetivos no contexto do imaginário biológico-científico, reforçando as implicações políticas desta perspectiva. Finalmente, apresentamos a recente proposta do filósofo Alain Badiou de se pensar, urgente e diferentemente, o amor como tarefa do pensamento em tempos de individualismo feroz. Deste modo, pretendemos contribuir minimamente para uma crítica do papel da mídia informativa na produção de modelos de sociabilidade apresentados como verdadeiros.

Para introduzir a discussão, destacamos duas matérias⁴. A primeira delas, publicada em 2 de Fevereiro de 2009 na Folha de São Paulo, trazia como título “Antídoto ao amor pode prevenir paixão cega”. Tratava-se de uma tradução de matéria publicada no New York Times a respeito de pesquisa científica reproduzida, por sua vez, pela revista Nature. O cientista Larry Young, da Universidade de Emory, Atlanta, após testes com ratos-calunga, “que compartilham a propensão humana à monogamia”, percebe que as fêmeas da espécie, ao receberem no cérebro infusão de oxitocina (hormônio que produz recompensas neurais como fariam a cocaína ou a nicotina), tendem a formar vínculos com o primeiro macho que estiver por perto. Se são injetados nos machos um hormônio equivalente – a vasopressina – haveria nestes um desejo semelhante. Esta pesquisa ordinariamente realizada foi o suficiente para a criação do seguinte lead da matéria em questão:

³ Sobre a construção histórica do amor e suas atuais configurações, este texto deve imensamente a GONÇALVES, Márcio. **Comunicação, virtual e amor na sociedade contemporânea**. Tese de doutorado (Comunicação e Cultura). ECO-UFRJ, 2000.

⁴ Coincidentemente, após o término da redação deste texto, nos surpreendemos ao tomar conhecimento de um “Globo Repórter” todo dedicado à “química do amor”, exibido no dia 5 de Fevereiro de 2010 e da reportagem de capa da edição 205 da revista “Mente e Cérebro”, chamada “Amor e Paixão”, prometendo ajuda da ciência para se viver um amor sem sofrimentos. Apesar de, infelizmente, por questão de tempo, não ter sido possível incorporar o programa ou a matéria em questão à discussão aqui exposta, nos satisfazemos com o reforço que ganham nossos argumentos a respeito desta multiplicação dos discursos sobre a biologização dos vínculos afetivos.

(...) Depois de analisar a química cerebral da formação de vínculos entre casais de mamíferos, Young prevê que em breve um pretendente inescrupuloso poderá colocar uma poção de amor farmacêutica no drinque da pessoa cortejada. Mas também pode ser que surja um antídoto ao amor —uma vacina que impeça você de ficar cego de paixão e agir como idiota.

Para não agirmos como ratos-calunga, talvez apenas tenhamos que ingerir uma poção do amor, portanto. Ora, além da desagradável comparação de humanos com ratos, encontramos um subtexto muito claro: amar pode ser um risco; é preciso não “agir como idiota”. Se dispusermos dos meios corretos para controlar a dinâmica do encontro amoroso, talvez o aproveitemos sem perigos.

Com o mesmo tom, destacamos a reportagem “A química da atração”, da revista *Veja* de 24/09/2008. A chamada alerta: “Uma surpresa: estudos revelam que os homens são tão escravos de seus hormônios quanto as mulheres”. O texto, ilustrado com dois destaques intitulados “As escolhas do homem” e “As escolhas da mulher”, reforça a dependência humana dos hormônios, salientando sua alteração ao longo do dia, a ponto de influenciar nossa escolha do “tipo” de parceiro amoroso. Às 10 horas da manhã, a testosterona no homem estaria em alta, o que nos faria sentir mais atraídos por mulheres “com traços bem femininos, como a atriz Natalie Portman”. Já pelas 18 horas, o quadro é outro. Nesse horário, nossa testosterona está em baixa, então nos apaixonaríamos por mulheres com traços masculinizados.

Como ratos-calunga, seríamos escravos dos hormônios? Poderíamos curiosamente dizer que não se trata aqui de passar por um devir-rato como nos mostraram Deleuze e Guattari no célebre texto de *Mille Plateaux* sobre os devires-animais. Nada de atravessar limiares, produzir intensidades. A lógica é a da pura analogia. Nosso amor é *como* o dos ratos. Somos “escravos dos hormônios”, diz a segunda reportagem. Um grego se chocaria. Nós, para além do choque, devemos perguntar: a que serve esta visão do amor, e, sobretudo, que tipo de subjetividade é aí tratada como verdadeira? A que serve tamanho apequenamento do homem? De modo mais geral, ainda, indagamos: sobre o que se assenta a relação mídia e ciência?

2. Cultura somática, sociedade de risco e o papel da mídia

Muitas são as perguntas e, certamente, nosso trabalho se contentará em apenas prosseguir uma discussão já em andamento. Se o amor, como dissemos, é uma construção

histórica, por que este modelo biologizante é amplamente disseminado atualmente? O que faz dessas matérias algo próprio deste tempo? Uma das tarefas do pensamento é elaborar a pergunta mais produtiva, e não dar a resposta “mais verdadeira”.

“Para quê serve o amor?” parece ser a indagação implicada em matérias deste cunho. Proposições como “antídoto do amor” e conjecturas sobre o horário de atuação de nossos hormônios parecem sugerir que seria possível, com o apoio da ciência, captarmos e controlarmos o encontro amoroso, desejo que, segundo uma das reportagens, nos persegue desde quando Ulisses exigiu a seus subordinados para que fosse amarrado, de modo a não ceder aos cantos das sereias⁵. Haveria um modo de amar “seguro”, portanto? As matérias nos prometem que sim. Todos os benefícios do amor, sem suas agruras. Esta pergunta – “para quê serve o amor?” – os gregos já formularam⁶, mas em um contexto distinto. Em práticas como a pederastia, havia o célebre jogo pedagógico entre o cidadão ateniense e o rapaz belo, uma dinâmica do amor cujo objetivo final era a liberdade a partir do pleno controle das paixões⁷. Podemos hoje nos perguntar o mesmo, mas atentos ao fato de que as palavras não guardam em si mesmas um sentido eterno. A pergunta “Para quê serve o amor?” na atualidade não diria respeito a um conjunto de práticas visando à liberdade, mas a uma lista de elementos que incrementam a eficácia individual e reduziria os riscos de desintegração.

Este novo amor nos conduziria imediatamente à discussão proposta, inclusive neste GT da Compos, acerca do declínio da interioridade na atual cultura somática e da ascensão da sociedade de riscos⁸, que nos serviu de base para a atual reflexão. A biologização do amor presente na mídia informativa de caráter científico endossaria os roteiros de subjetivação hoje disseminados em que se privilegiam aspectos fisiológicos na constituição de si. Tratar-se-ia de um aprofundamento de uma modalidade de exercício de poder a que Foucault denominou de biopoder: a vida, os processos vitais em geral entram no domínio do cálculo explícito, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana (FOUCAULT, 2006, p. 155). Evidentemente, se Foucault tratou do biopoder no contexto da disciplina dos séculos XVIII e XIX, hoje encontraríamos outras implicações desta gestão da vida, uma vez que

⁵ Sugerimos, em contraponto a essa leitura banal do mito de Ulisses, a perspectiva de Bárbara Cassin (2005), para quem o canto das sereias é o puro devir que ameaça a sempre frágil identidade do ente. A identidade como fixidez só pode ser realizada, portanto, se se suspende o tempo e o devir, campos de incerteza que, podemos afirmar, as biotecnologias se esforçam em prometer erradicar.

⁶ Cf. GONÇALVES, *op.cit.*, p. 27

⁷ Neste caso, as referências imediatas são os últimos trabalhos de Foucault, especialmente o segundo volume de *História da Sexualidade – Uso dos prazeres*.

⁸ Cf. os trabalhos de Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Vaz apresentados nos últimos anos do congresso.

contaríamos, por exemplo, com um novo triedro dos saberes, formado pela Biologia, ciências da cognição e ciências da computação (TUCHERMAN, 2003) e novas táticas de poder que ultrapassam o confinamento disciplinar, como, por exemplo, a automedicação e a expansão das tecnologias médicas de produção de imagem do corpo, que reconfigurariam o que entendemos por “interioridade”. Quanto a esta última, a reconfiguração da subjetividade não se dá sem uma reconstrução das bases lógicas sobre as quais ela se assenta, tendo especial relevo a dissolução do par “interior/exterior”, como indica Maria Cristina Franco Ferraz:

O que está em jogo não é uma simples inversão, um virar pelo avesso o *interior*, identificando-o à exterioridade das superfícies corporais; trata-se, antes, do colapso do próprio par opositivo interior/exterior e de sua lógica dialetizante. No mesmo movimento, emergem novas versões e sentidos para a *interioridade*, perspectivas que vamos literalmente incorporando, paisagens que somos levados a habitar, mesmo (e sobretudo) de modo inadvertido, insidioso, cotidiano (2009, p. 10).

No contexto desta reorganização dos poderes e saberes sobre a subjetividade, a própria definição de saúde da Organização Mundial de Saúde nos dá pistas sobre o que está em jogo: a saúde passa a ser um completo bem-estar físico, mental e social. Longe estamos da visão negativa de Leriche sobre a saúde como “silêncio dos órgãos” ou ausência de doenças (MOULIN, 2008). Buscar o completo bem-estar significa dirigir uma atenção constante sobre o próprio corpo, em um jogo de cálculos de riscos complexo que necessariamente não tem fim. Qual vida concreta, com seus movimentos múltiplos, conseguirá competir com um ideal de “completo bem-estar”, suspenso no tempo e sem falhas?

A mídia informativa exerce um importante papel nesse cenário, contribuindo para a disseminação de informações para serem incorporadas (literalmente!) de acordo com os modelos de verdade vigentes. Neste contexto, reportagens diárias sobre benefícios e malefícios de alimentos, exercícios físicos, novos exames de visualização do corpo, medicamentos para tratamento das menores aflições cotidianas e testes que ajudam a identificar em si mesmo uma anomalia qualquer são comuns. Todavia, pensar a relação da mídia com a ciência exige algumas precauções teóricas, de modo a evitarmos simplificações que não fariam nada mais além de ratificar o senso comum sobre nosso problema.

Assim, como instrumento teórico, podemos recorrer inicialmente ao conceito foucaultiano de *dispositivo*. Com Foucault, pensamos o dispositivo como uma rede heterogênea formada por elementos tão distintos quanto instituições, saberes, construções arquitetônicas, *meios de comunicação*, aparatos jurídicos, normas, condutas em geral etc

(FOUCAULT, 1990). Além disso, sabemos que o dispositivo é sempre móvel, atualizando-se no tempo. A historicidade do dispositivo é o que determina as diretrizes para sua pesquisa. É por isso que a introdução de um novo elemento no dispositivo altera necessariamente as relações de todos os elementos entre si, engendrando novos campos de visibilidade e de enunciação⁹. Sendo assim, nossa perspectiva não buscará determinar um único modo de relação entre a mídia e a ciência, mas procurará, a partir dos próprios casos, identificar os pequenos jogos de poder-saber que se dão entre esses dois domínios.

No dispositivo contemporâneo, portanto, ratificamos a intuição de Ieda Tucherman (2008) sobre a via de mão-dupla presente na relação da mídia com as pesquisas científicas. A mídia forneceria à ciência a visibilidade sem a qual nenhuma pesquisa se sustenta, visto que isto garantiria em parte patrocínios e atenção pública ao trabalho do cientista. Por outro lado, a ciência empresta à mídia um pouco de seu prestígio, dando a ela certo verniz de “atualidade”, importância e “verdade”.

Até agora, introduzimos nosso tema e compusemos uma rápida contextualização teórica em nossa proposta. Tratemos, a partir de agora, especificamente do modo como a mídia informativa contribui para a produção de um ideal de sociabilidade amorosa perfeitamente adequada aos preceitos da sociedade de riscos e de uma cultura somática. Para isso, abordaremos o problema da biologização das ligações humanas e de seu correlato: o esvaziamento da política.

3. A utopia da ligação perfeita na mídia

Como dissemos mais acima, nossas duas reportagens trazem – uma explícita e a outra implicitamente – a possibilidade de uma experiência amorosa sem riscos por meio da administração de nossos hormônios. Cabe-nos, agora, esmiuçar o problema, partindo da indagação: afinal, quais os riscos do amor para o dispositivo contemporâneo? Por que ele é tão perigoso?

Em um pequeno livro de entrevistas publicado em Novembro de 2009 intitulado “Éloge de l’amour”, o filósofo francês Alain Badiou postula como tarefa urgente do pensamento

⁹ Podemos nos recordar de um exemplo dado pelo próprio Foucault acerca da mobilidade do dispositivo. No dispositivo disciplinar, a instituição “escola” cria o elemento “aluno idiota”, com o apoio do discurso psiquiátrico adequado, do aparato jurídico necessário, das instruções pedagógicas etc. Imediatamente, o dispositivo disciplinar produzirá um novo elemento – a escola “especial” – que, por sua vez, produzirá novas conexões com os outros elementos do dispositivo (FOUCAULT, 1990).

contemporâneo a defesa do amor. Aparentemente, tal defesa poderia soar como uma reedição superficial de um modelo específico de amor – o amor romântico – diante da fragilidade de produção de vínculos sociais duradouros próprios aos dois últimos séculos no ocidente. Não se trata disso, no entanto. Trata-se de pensar o amor como “contra-prova do individualismo”, aquilo que insiste em existir, apesar de todas as linhas do dispositivo atual emaranharem-se ao redor do risco e do corpo biológico. O amor como contra-poder, como arma política.

Para compreender melhor a proposta de Badiou, devemos pensar no amor como força de vínculo, de ligação. Podemos mesmo evocar o Banquete de Platão, quando Diotima diz a Sócrates que o amor está entre os deuses e os homens, sempre produzido na *relação*. Para além de Platão, mas ainda na Grécia, lembramos que Eros é a ligação entre a diversidade dos elementos do mundo: homem e natureza, homens entre si etc. Tal ligação, contudo, permanece oculta na história humana, dando a impressão de que só o que há é identidade, homogeneidade, comunhão. Assim sendo, a utopia da ligação absoluta aparece de tempos em tempos em nossa história. Dois bons exemplos, radicalmente diferentes, desta utopia de conexão total seriam a comunhão com o divino no imaginário medieval – sonho de integração completa, de vínculo indestrutível – e o imaginário de reunião global engendrado pela telegrafia elétrica na segunda metade do século XIX.

Segundo o filósofo português José Bragança de Miranda, “qualquer ligação absoluta é efeito de uma ‘imagem’ que, enquanto tal, oculta as próprias ligações” (p. 261). Sendo assim, “a identidade é um efeito de ligações que desapareceram da visibilidade, mas que estão paradoxalmente presentes na forma da sua ausência, podendo sempre voltar à frente” (2002, p. 266). Bragança diz ainda que é apenas em momentos de crise que as ligações tornam-se aparentes, e em torno delas são produzidos inúmeros discursos.

Sendo assim, as ligações são o que reúnem os elementos diversos do mundo, dando-nos a impressão de que só o que existe é identidade e semelhança. Para garantir tal homogeneidade do mundo, tais ligações são devidamente esquecidas. Entretanto, em alguns períodos históricos, de crise (se concordamos com Bragança), as ligações aparecem como problema.

O pensamento sobre a Modernidade introduziu a questão da fragmentação da experiência, amplamente debatida por pensadores tão distintos quanto Walter Benjamin, Baudelaire, Nietzsche etc. Os choques perceptivos já no final do século XIX, como sugeriu Benjamin, traziam uma nova proposta de subjetividade humana, adequada ao ambiente de

crescimento urbano e aceleração geral da vida. Nesse sentido, o problema das ligações surge com força, e com ele todo um conjunto de questões que constituirá o cerne de uma nova epistemologia da percepção humana, baseada na materialidade do corpo (CRARY, 1990, passim). Esta nova forma de pensar o corpo introduz igualmente novos problemas que fazem parte da vida industrial em formação, tais como a capacidade que teria um corpo de focar a atenção em mais de um objeto e por quanto tempo, as relações entre trabalho e fadiga, o tempo de reação perceptiva a um estímulo exterior etc. Em suma, toda uma ortopedia da percepção definida a partir de um modelo de corpo que não pressupõe um sujeito estável, racional, pontual, único, mas um corpo pleno de intensidades, temporalidades próprias e fluxos diversos: fragmentado, enfim. A questão da síntese ou da ligação neste novo modelo epistemológico é decisiva.

Atualmente, teríamos um aprofundamento dessa questão, com a proliferação insistente de um imaginário de conexão/desconexão que as novas tecnologias de comunicação só fizeram endossar. “Interatividade”, “plugar-se”, “desplugar-se” tornaram-se palavras ordinariamente repetidas. É preciso, porém, conectar-se “corretamente”, com as pessoas certas, com os alimentos corretos, com os exercícios físicos adequados, com as profissões produtivas etc. Manuais de autoajuda ensinam a gerir o próprio tempo, os relacionamentos, a saúde do corpo. Administrar as próprias conexões, sob o terrível medo da desconexão, parece ser uma das linhas de força do biopoder contemporâneo.

Em relação à sociabilidade amorosa nessa sociedade de riscos, o maior problema seria ceder à paixão e, como diz uma de nossas reportagens, “agir como idiota”. Agir como idiota é desviar-se dos planos de vida exaustivamente elaborados, medidos e quantificados, aderindo à suspensão do tempo própria da relação amorosa. Em suma, o amor é improdutivo, a não ser que se controlem os hormônios. Controle grego das paixões visando à liberdade, controle hormonal contemporâneo visando à não-desconexão¹⁰.

Na era das biotecnologias, temos a utopia da ligação perfeita, alardeada em matérias como as que escolhemos para este trabalho. Visão contratual do amor, segundo Alain Badiou, cujo último livro foi inspirado por seus passeios em Paris, quando encontrou diversos anúncios de sites de relacionamentos em que se encontraria o “par perfeito” por meio da

¹⁰ Não é surpreendente a atenção dada – especialmente pelos meios de comunicação – aos chamados “depressivos”. Emblemas da desconexão, não são apenas os novos melancólicos, mas os resíduos de nossa sociedade performática. O deprimido é o “cansado de ser ele mesmo”, na expressão do sociólogo Alain Ehrenberg.

enumeração de uma lista de características que seriam compatibilizadas entre duas pessoas pelo sistema informacional.

Gerir o amor como uma empresa não é propriamente espantoso em nossos estranhos tempos. Os amantes corporativos encaminham-se para um final feliz, devidamente amparados por seus hormônios domesticados. Conexões garantidas, ligações perfeitas. Trata-se certamente de uma experiência amorosa individualista, o que em outra historicidade causaria a impressão de um grande contrasenso. A ideia de uma experiência de amar a dois, com todos os perigos que isso implica, não receberia tanta visibilidade em nosso dispositivo, apesar de continuarem existindo, com menos força. Bauman, em seu ensaio sobre o “amor líquido”, afirma que “ser duplo significa consentir em indeterminar o futuro” (2004, p. 35). Pecado capital para nossa era de (tentativa de) previsibilidade absoluta. O perigo vem do outro, que nos transforma na vítima do fumante, do motorista embriagado, do menino de rua no sinal. De modo análogo, a vítima amorosa é aquela que não geriu corretamente suas paixões, não promoveu as conexões adequadas, tornando-se inadequada. Sobre a lógica da conexão dos relacionamentos atuais, Bauman reforça os sentidos da imagem da rede, tão própria a este momento:

A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se” a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las (*Ibid.*, p. 12).

Este modelo contemporâneo da experiência amorosa compõe o quadro individualista de uma sociedade de riscos não apenas na medida em que vê o outro como fonte do mal, como já indicamos anteriormente, como também, principalmente, no sentido de que ignora o estado do outro. Se sei me proteger, se sei me cuidar para não ceder aos infortúnios do relacionamento, isso com toda a certeza não passa por uma preocupação minha com o outro. Badiou (2009, p. 16), em um interessante paralelo, compara esta proteção do amor segundo os cânones de segurança atuais à ideia da guerra com “zero mortos”, em que a eficácia tecnológica bélica do ocidente nos permitiria entrar em conflitos sem prejuízo de soldados. Ora, uma guerra “zero mortos” só vislumbra, claramente, um dos lados do conflito.

A ideia de um amor “confortável” parece atrair-nos porque eliminaria o risco do inesperado. Cabe-nos, porém, pensar nas implicações desta utopia da ligação perfeita vislumbrada pelas biotecnologias e amplamente transformada em opinião pelos meios de

comunicação em geral. Com a ligação perfeita, assegurada pela promessa da ciência, sabemos que ganhamos a segurança e o conforto dos prazeres limitados. Mas o que se perde quando se elimina a imperfeição da ligação?

Esta utopia da ligação perfeita ultrapassa o domínio das relações amorosas propriamente ditas e invade regiões como a do trabalho, da família, da política etc. Uma de suas causas, como indicamos, seria o pavor da desconexão do mundo atual. Assim, “na angústia da desligação está incubada a vontade de uma ligação perfeita que equivale de fato ao fim das ligações” (BRAGANÇA, *op.cit.*, p. 268). Curiosa, mas evidente consequência: *a busca da ligação perfeita leva, em última instância, ao fim das ligações*. A questão que se faz é se esse modo de existência em que não existem ligações pode ser considerado mesmo como um modo humano de se relacionar. Não se trata aqui de ratificar ponto por ponto os discursos do pós-humano, tão comuns na última década em nossa área. Esta problemática não é exatamente nova, apesar de atualmente ter adquirido sentidos distintos. Para demonstrá-lo, podemos recorrer mesmo a Rousseau, neste curioso trecho de seu Contrato Social:

Dizem-nos que um povo de verdadeiros cristãos formaria a sociedade mais perfeita que imaginar se possa. Vejo nesta suposição pelo menos uma grande dificuldade: a de que uma sociedade de verdadeiros cristãos não seria já uma sociedade de homens. Digo mesmo que semelhante sociedade não seria, apesar de toda a sua perfeição, nem mais forte nem mais durável. *À força de ser perfeita faltar-lhe-ia a ligação [liaison]: o vício que a destruiria está na sua própria perfeição* (ROUSSEAU *apud*. BRAGANÇA, *op.cit.*, p. 268, grifo nosso).

Assim, o que se dá na *precariedade* das ligações é justamente a ação política, impossível em um ambiente de homogeneidade, posto que depende da diferença originária dos seres humanos. Logo, a utopia da ligação perfeita, seja em uma sociedade “cristã” no século XVIII seja em um mundo de amantes corporativos controlados por seus hormônios, abre espaço para um esvaziamento do político ou de uma naturalização da ética. Se o amor é uma questão de hormônios, não há o que fazer a não ser cada um gerir corretamente os seus, informando-se continuamente acerca das verdades descobertas pela ciência. Não há espaço para a negociação, uma das mães do possível, mas para a eficácia, filha da certeza.

É possível pensar em alternativas para este modelo amoroso da cultura somática? Muito provavelmente sim. É por esta razão que, neste trecho final de nosso artigo, consideramos oportuna a exposição de uma perspectiva sobre o amor que é ao mesmo tempo contemporânea e radicalmente diferente desta que se apresenta na relação mídia-ciência: o recente ensaio-entrevista de Alain Badiou.

4. Contraponto final: Badiou, o amor e o mundo à diferença

Uma perspectiva sobre o amor que seja de fato contemporânea deve partir de pressupostos atuais. Não seria próprio do dispositivo em que estamos reivindicarmos um retorno ao amor romântico, como se, aliás, este não fosse igualmente fruto de relações de poder específicas de uma historicidade e desprovido de limites e dificuldades. Para pensar o amor na era do risco, Badiou sugere que seria importante, portanto, nos afastarmos de três concepções banais do amor: a *romântica*, que se concentra no momento do encontro amoroso, mas que não é capaz de produzir uma duração a partir disso (os amores impossíveis, os suicídios como os de Werther, o “felizes para sempre” que são suspensões do devir histórico na imagem do “ponto final”); a *contratual*, que remeteria aos amores que denominamos neste artigo como corporativos, ou seja, práticos, sem riscos e devidamente calculados; e, finalmente, a *cética*, aquela que, é claro, duvidaria da existência do amor. Para o pensamento de Badiou, a dúvida da existência do amor é grave, visto que o amor é um dos quatro procedimentos de verdade cuja composição de conjunto deverá ser o papel da filosofia (os outros setores serão a política, a ciência e a arte)¹¹.

O amor nos tempos do risco é uma contra-prova do individualismo capitalista tido hoje como próprio da natureza humana, visto que “se ele não é concebido como uma única troca de vantagens recíprocas, ou se ele não é calculado longamente antes como um investimento rentável, *o amor é realmente esta confiança feita ao acaso*” (BADIOU, 2009, p. 22)¹². Nada mais antagônico à gestão de riscos que uma confiança estabelecida ao acaso. O encontro amoroso daria início, assim, à primeira fase, esta do acaso, em que *dois* se encontram. A manutenção deste “dois” é crucial. Badiou rechaça o que chama de *ideia fusional* do amor. No encontro amoroso, não se trata da “união de duas almas”. Trata-se de pensar o amor como diferença, como pensamento compartilhado sobre o mundo a partir do Dois. “O que é o mundo examinado, praticado e vivido a partir da diferença e não a partir da identidade? Penso que o amor é isso” (*Ibid.*, p. 26). Longe estamos da visão dos amores corporativos, que se dão a partir do risco que uma das partes resolve medir e gerir, *mas estamos igualmente afastados* da visão romântica da “fusão de almas”, regida pelo princípio da identidade.

¹¹ Cf. BADIOU, 1989

¹² Tradução nossa.

Desta forma, um mundo específico nasce a partir do encontro amoroso: um mundo cuja verdade é experimentada a partir da diferença dos dois amantes. O encontro, porém, é o primeiro passo e o mais fácil. Seria um “evento”, imprevisível e incalculável, segundo a terminologia de Badiou cuja complexidade não nos permite que dela se trate aqui¹³. A partir daí, é preciso ter “fidelidade” ao evento, não no sentido da fidelidade banalmente instituída socialmente, mas uma fidelidade àquela visão de mundo que se apresentou quando houve o encontro das duas diferenças. O amor faz advir como multiplicidade sem nome uma verdade sobre a diferença dos amantes, verdade subtraída do saber daqueles que amam. Ele suplementa uma vida, mais do que liga uma a outra. O amor, assim como a política, a ciência e a arte, são o que Badiou chama de “procedimentos de verdade”. Para que surja um procedimento de verdade em uma situação, é preciso que um evento suplemente essa situação ao inserir um significado *a mais* nela. No caso do amor, trata-se do significado diferencial extraído daquela situação tão particular produzida no encontro de Dois.

Após o momento do encontro, porém, a questão da “duração” do amor é importante. Esta duração não significa que a relação deve ser eterna. “É preciso entender que o amor inventa uma maneira diferente de durar na vida. Que a existência de cada um, na prova do amor, se confronta com uma temporalidade nova” (*Ibid.*, p. 36). Sendo assim, a domesticação do acaso nesta perspectiva sobre o amor não é a do cálculo de riscos, da segurança e do conforto, mas a de transformar o acaso em *duração* trabalhada dia após dia, no diário movimento de manutenção de um mundo constituído à diferença. Lutar pela diferença em um mundo que se quer idêntico é uma das tarefas do amor.

Não é nosso propósito aqui esmiuçar a perspectiva de Badiou sobre o amor, que nos remeteria à sua complexa obra filosófica, mas apenas mostrar como outras visões acerca do encontro amoroso são possíveis na atualidade para além da tradicional visão fusional romântica, do ponto de vista cético ou da concepção contratual, esta última sendo a dos amantes corporativos dependentes de regulação hormonal.

Como procuramos defender, é preciso determinar as razões pelas quais a mídia informativa seleciona algumas perspectivas em detrimento de outras. Aquilo que se agregará à opinião corrente não será nem mesmo o discurso “verdadeiro” da ciência, mas uma vulgarização de pesquisas em curso que levam um pequeno trabalho sobre o comportamento de ratos no acasalamento a matérias com títulos como “antídoto do amor”, por exemplo. Se a

¹³ Cf. BADIOU, Alain. **O ser e o evento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. UFRJ, 1996

verdade da ciência pode ser questionada se se expõem sua epistemologia não problematizada, a opinião midiática exige outro tipo de crítica, que envolve a cultura como um todo e para a qual o conceito foucaultiano de dispositivo nos pode ser bastante frutífero, uma vez que não retira a mídia de sua rede de relações com outros elementos sociais com que dialoga.

Diante da sociabilidade que se pretende hegemônica em nossa cultura somática de riscos, em que os vínculos se biologizam e reduzem o humano à sua dimensão corporal, é preciso atentar às estratégias discursivas disseminadas midiaticamente. Neste primeiro momento em que estamos, fortalecemos nossa crítica para, em seguida, propor (quem sabe?) uma reinvenção do amor, da sexualidade e do corpo, como já indicava Foucault no final de sua “A vontade de saber”. Como, aliás, nos afirmou recentemente Badiou, a partir de uma frase de Rimbaud, “todo mundo sabe que o amor é uma reinvenção da vida. Reinventar o amor é reinventar esta reinvenção” (2009, p. 36).

Referências

- BADIOU, Alain. **Éloge de l’amour**. Mayenne: Flammarion, 2009
- _____. **Manifeste pour la philosophie**. Paris: Éditions du seuil, 1989
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003
- CASSIN, Barbara. **O efeito sofisticado: sofisticada, filosofia, retórica, literatura**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2005
- CRARY, Jonathan. **Suspensions of Perception (Attention, Spectacle, and Modern Culture)**. Cambridge: Massachusetts/Londres: MIT Press, 1999
- _____. **Techniques of the observer**. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1990
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Interioridade na atual cultura somática**. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade. Compós 2009.
- Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1082.pdf Acesso em 13 fev. 10
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2006
- _____. “Sobre a história da sexualidade”. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990
- GONÇALVES, Márcio. **Comunicação, virtual e amor na sociedade contemporânea**. Tese de doutorado (Comunicação e Cultura). ECO-UFRJ, 2000
- MIRANDA, José Bragança. “Para uma crítica das ligações técnicas”. In: MIRANDA, José Bragança de; CRUZ, Maria Teresa (org). **Crítica das ligações na era da técnica**. Lisboa: Tropismos, 2002
- MOULIN, Anne-Marie. “O corpo diante da medicina”. In: COURBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, Georges (org.). **História do corpo, volume 3: as mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Vozes, 2008
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Cia das Letras, 2001
- TUCHERMAN, Ieda. **Estratégias discursivas: mídia, ciência e biopoder**. Texto apresentado no IRCAM Estocolmo, Media and Social Divises, 2008
- _____. “O pós-humano e sua narrativa: a ficção científica”. In: **Ghreb: Revista de Semiótica, Cultura e Mídia**. São Paulo, 2003
- Disponível em: <http://revista.cisc.org.br/ghrebh2/artigos/02iedaturcherman032003.html> Acesso em 11 fev. 10